REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 62
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

REVISTA 62
LINGUAGEM, PERCEPÇÕES E HISTÓRIAS: CONHECIMENTOS QUE NOS ATRAVESSAM



CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA RASURA NO CAMPO LITERÁRIO

CAROLINA MARIA DE JESUS: A SCRAPE IN THE LITERARY FIELD

André Natã Mello Botton
Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul, Pelotas/RS, Brasil

Resumo: O artigo é fruto de uma pesquisa que investiga a trajetória de Carolina Maria de Jesus pelo campo literário ao seu tempo até o contemporâneo. A escritora, dessa maneira, é considerada dentro de um escopo que leva em consideração a historicidade desse espaço simbólico, a subjetividade presente em sua obra e a sua relação contemporânea com o campo artístico. Neste trabalho, apresenta-se uma visão acerca de sua obra, enquanto "rasura", conceito cunhado pela pesquisadora Raffaella Fernandez, que servirá como base tanto para análise literária quanto biográfica da escritora. Além disso, os trabalhos de Pierre Bourdieu, que associam conceitos da sociologia, são aqui tencionados ao colocar no jogo analítico a literatura caroliniana.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Campo Literário. Literatura de autoria feminina.

Abstract: The article is the result of a research that investigates the trajectory of Carolina Maria de Jesus in the literary field from her time to the contemporary era. The writer, in this way, is considered within a scope that takes into account the historicity of this symbolic space, the subjectivity present in her work, and her contemporary relationship with the artistic field. In this work, a vision of her work is presented as a "scrape," a concept coined by the researcher Raffaella Fernandez, which will serve as the basis for both literary and biographical analysis of the writer. Additionally, the works of Pierre Bourdieu, which associate concepts of sociology, are here brought into tension by placing Carolinian literature in the analytical game.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Literary Field. Literature written by women.

Enquanto lá fora a alvorada habita, existe aqui um coração angustiado, aflito, que palpita. Quando você entender o cantar dos pássaros começará a entender o porquê da vida.
Carolina Maria de Jesus, *Meu sonho é escrever*

Carolina Maria de Jesus tem recebido, ao longo dos últimos anos, considerável destaque dentro e fora do campo literário, assim como no acadêmico e em outros espaços simbólicos. Os aspectos sociológicos e históricos de seus diários são, principalmente, o foco de estudos das mais diversas áreas. Contudo, ainda há muito a ser explorado sobre o trabalho estético na escrita da autora.



O estudo da vasta e ampla produção de Carolina permite destacar uma capacidade de escrita muito mais abrangente que não fica condicionada apenas a uma obra ou a um único estilo de escrita, mas mostra:

> [...] um sujeito de criação consciente de que escrever é um exercício de linguagem, motivo pelo qual a autora se empenhava em fazer a escolha das palavras com tanto afinco. Ela arquitetou seu estilo a partir de um material linguístico variado, buscando os registros oferecidos pelos compêndios gramaticais da língua portuguesa, lendo os poetas parnasianos, deixando-se seduzir por expressões raras e algumas até arcaicas, como "abluir", "nívea", "promanar", "inciente" e outras. Seu estilo era capturado pelo sotaque mineiro e por termos muito usados nas Gerais – "minino", "ritira", "sugestã", "canseira", "escolado" –, denunciava trazer em si o "pretuguês", trocando o "l" pelo "r" ("impricante") – marca de línguas africanas aportadas no Brasil nas quais o som da letra "l" não existe –, e ainda incluía a criação de neologismos. (EVARISTO; JESUS, 2021, p. 14).

Carolina de Jesus, dessa forma, transita por distintos gêneros literários, como romance, diário, contos, provérbios, teatro e poemas, assim como soube adaptar trechos do *Quarto de despejo* para letras de músicas[1].

A trajetória de Carolina de Jesus é construída nas rasuras[2] do seu campo literário. De acordo com Raffaella Fernandez, pesquisadora e doutora em Letras e História da Literatura: "A rasura é a transformação de tudo: a entrada em uma nova entrada. A artista está no campo em que para ela vale tudo, então ela acrescenta, transpõe e substitui a seu bel-prazer" (2019, p. 24). Com isso, o conceito de "rasura" é entendido neste estudo relacionado à escrita do "eu", através do modo como a escritora desenvolve e aprofunda noções autorrepresentativas, quebra com padrões literários ditados por um campo literário que não permite a entrada de qualquer e, por fim, ganha uma ressignificação que reverbera em diferentes agentes do campo artístico até hoje.

[1] Em 1961, Carolina lança o seu LP, "Carolina Maria de Jesus, cantando as suas composições", com 12 sambas autorais. Diferentemente, das representações da época, em que a escritora aparece triste e com o lenço branco na cabeça – simbolizando certa subalternidade –, a capa do disco possui uma Carolina sorrindo, com lenço colorido na cabeça, indo contra todas as imagens criadas sobre ela. As músicas estão disponíveis no site do Instituto Moreira Salles, em: https://radiobatuta.com.br/selecao/carolina-maria-de-jesus-canta/. Acesso em: 31 ago. 2020.
[2] S



Escrita do "eu" caroliniano: rasurando um espaço simbólico

Pontualmente, a partir do governo de Getúlio Vargas, iniciou-se no Brasil uma tradição de poder populista. Em 1960, no ano do lançamento de *Quarto de despejo*, Juscelino Kubistchek seguia pelo mesmo caminho. Contudo, o foco deste último presidente era a modernização do país, a expansão de uma "modernidade" que seria implantada na nação. Com o *Plano Nacional de Desenvolvimento* ("50 anos em 5"), JK abria o capital nacional para o estrangeiro, por meio de obras e através da construção de importantes empreendimentos, como as usinas de Furnas e Três Marias, assim como Brasília. Carolina, no *Quarto*, não foge dessa "tradição" e surge como figura crítica tanto de um quanto de outro governo. A sua escrita, nessa obra, é marcadamente representativa do modo como a população mais à margem do discurso político da época percebia essas mudanças, conforme anotação no dia 20 de maio de 1958:

> Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse:
> - É que eu tinha fé no Kubstchek.
> - A senhora tinha fé e agora não tem mais?
> - Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os politicos fraquissimos. E tudo que está fraco, morre um dia.
> ... Os politicos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (JESUS, 2016, p. 39)

O trecho revela duas faces carolinianas: uma crítica em relação ao campo político e uma outra, que apresenta a sua identidade como poeta que está profundamente relacionada com a realidade. Nesse sentido, a autora revela que o seu fazer literário está diretamente ligado a uma consciência social-política que se apresenta, necessariamente, em seu texto. De todo modo, o populismo brasileiro, enquanto conjunto de práticas políticas, iniciado por Getúlio Vargas é uma das respostas possíveis para entender a popularidade de *Quarto de despejo*.

Audálio Dantas, então um jovem e iniciante repórter do jornal *Folha da noite*, vai até a Favela do Canindé, em abril de 1958, para fazer uma reportagem sobre a inauguração de um *playground*, instalado pelo prefeito de São Paulo, Adhemar de



Barros (aliás, outra figura política importante nos diários carolinianos). No meio de certa agitação, enquanto alguns adultos quebravam os brinquedos, Carolina, aos 44 anos, diz que colocará os vândalos em seus diários. O episódio chama a atenção do repórter que em seguida vai até o barraco da escritora e *seleciona* alguns cadernos.

Ainda em 1958, o jornalista da *Folha da noite*, na edição vespertina, publica uma reportagem com alguns trechos dos diários. Além dessa, quando Audálio passa a trabalhar na revista *O Cruzeiro*, publica outra matéria sobre o tema, em 1959, alcançando, desse modo, maior alcance e repercussão sobre o assunto. O resultado é o interesse da Francisco Alves Editora em publicar os diários[3], fato que acontece em agosto de 1960.

Na primeira noite de autógrafos foram vendidos 600 livros. A tiragem inicial que foi de 3 mil exemplares foi ampliada para 30 mil e esgotou-se em apenas 3 dias na cidade de São Paulo (FERNANDEZ, 2019). Segundo os primeiros pesquisadores a recuperar a obra de Carolina, Levine e Meihy (2015), “Passados seis meses, 90 mil cópias haviam se espalhado por todo o país” (p. 30). Sobre as edições e a circulação de *Quarto de despejo*, Raffaella Fernandez complementa:

> No Brasil, somente em 1960, *Quarto de despejo* foi reimpresso sete vezes. Foi traduzido para 14 línguas e publicado em 20 países, circulando por um total de 40 países. Em termos de venda, alcançou a marca de um milhão de exemplares. Em 2015, já se podiam contar traduções para 19 línguas. Foram produzidas edições na Dinamarca, Holanda e Argentina. Em 1961, Carolina de Jesus foi publicada em diversos países: França, Alemanha Ocidental, Suécia, Itália, Checoslováquia, Romênia, Inglaterra e Estados Unidos. No ano seguinte, foi a vez do Japão. Em 1963, seu livro foi publicado na Polônia; em 1964 na Hungria; em 1965 em Cuba. Entre 1962 e 1963, uma edição foi publicada na União Soviética. O livro chegou, inclusive, a ser proibido em Portugal, por Salazar. Em 1963, saiu nova edição pela Francisco Alves. Anos mais tarde, em 1976, duas edições foram publicadas pela Ediouro. Um ano antes da morte da escritora, em 1983, outra edição saiu pela Francisco Alves; em 1990, uma pela Círculo do Livro;

[3] “Em agosto de 1960, *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* inaugurava a recém-criada coleção *Contrastes e Confrontos* (título retirado de um livro de Euclides da Cunha), publicando além de De Jesus, o jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, e um ensaio sobre o autor de *Os Sertões*, escrito por Edgar Carvalho Neves. Figuram ainda no catálogo daquele ano da Francisco Alves autores díspares como Clarice Lispector (*Laços de Família, A Maçã no Escuro*), Francisco Julião (*Irmão Juazeiro*), Carlos Lacerda (*Xanã*), Paulo Dantas (*O livro de Daniel*), entre outros” (SILVA, M., 2011, p. 259).



> em 1993, pela Ática, que já o editou mais de dez vezes desde então. O livro é classificado como literatura infanto-juvenil.
> A última reimpressão em grande escala ocorreu em 2012, tendo sido distribuída em todas as escolas municipais do Estado de São Paulo, acompanhada de um CD ilustrativo. Em 2014 foi produzida uma edição de luxo em comemoração e homenagem ao centenário da escritora na Flink Sampa Afro-étnica – Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra, com novos prefácios e posfácios que ampliam a leitura sobre essa importantíssima obra, em que Carolina de Jesus define a favela como o "quarto de despejo" a cidade, tonando-se um clássico da literatura em torno dessa temática. (2019, p. 232)

Todos esses dados comprovam o imediato interesse nacional e internacional pelo livro da escritora e sua circulação, sendo que ele ainda permanece com altos índices de vendagem e suscita novas discussões críticas, eventos, cursos e pesquisas, demonstrando, assim, a importância da obra no seio do campo literário. Para Lucía Tennina (2017), professora de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, Carolina surge no campo literário semelhante a uma fissura em um sistema fechado e normativo. Desse modo, a escritora, a partir da obra de 1960, desenvolve um novo tipo de narração: com foco narrativo visto *de dentro* de uma realidade marginalizada, que conta a *sua* história e que não fica passiva às narrativas impostas pelos outros.

Quarto de despejo é o resultado do trabalho de "compilação" de 15 cadernos recolhidos por Audálio Dantas. O livro começa no dia 15 de julho de 1955, aniversário de Vera Eunice, filha caçula[4], e termina em 1º de janeiro de 1960 com uma única frase: "Levantei as 5 horas e fui carregar agua" (JESUS, 2016, p. 191).

> Contudo, *Quarto não* é uma construção individual. Ao selecionar o que viria a ser publicado, suprimindo o que considerou repetitivo ou excessivo, Dantas expôs a potência da narrativa de De Jesus. Recria-se, assim, o próprio quotidiano [...] conferindo-se um sentido coerente à narração: *a história da luta pela sobrevivência de uma mulher negra e de seus três filhos, numa favela à margem de um rio, da cidade mais importante do país.* Isso estava lá nos diários originais, mas teve de ser trabalhado para vir à tona com intensidade surpreendente.

[4] Ainda na mesma data, Carolina continua sua narração falando sobre o desejo de comprar um par de sapatos de presente, contudo dá à filha um par que encontra no lixo, o que gera comentários sobre os valores do custo de vida, ter encontrado o filho João José na rua e ter esperado um "certo alguém" e este não ter vindo (JESUS, 2014).



> Selecionado, articulado, fragmentado num todo coerente, o quotidiano se revela ficcional. Não se está diante de simples exposição exaustiva da vida – e, desta feita, banalizada – de uma mulher real. Ao abrir *Quarto de Despejo*, está-se lendo a narrativa truncada de uma personagem que conta suas memórias de um presente, igualmente acidentado e vacilante. Autor e personagem se confundem no mesmo nome próprio – pois esta é uma das características essenciais do gênero diário [...]. (SILVA, M., 2011, p. 246, grifos do autor)

A obra apresenta uma série de características necessárias para entender o projeto literário de Carolina Maria de Jesus: o primeiro aspecto se constitui em torno da recriação do cotidiano por meio da memória. A fragmentação em dias (associada aos temas urgentes nos momentos da escrita) é um exemplo do modo como as ações hodiernas são motes para a reflexão acerca da fome, da política e das condições sociais dos moradores da favela. No trecho seguinte, de 21 de novembro de 1958, fica clara a divisão no excerto: primeiro, há uma caracterização poética (com influência romântica devido às leituras feitas por Carolina) acerca da noite, em seguida, relaciona o tema à influência que o tempo possui nas ações das pessoas na favela.

Mesmo durante o velório da filha da vizinha Leila, o foco descritivo parte da visão da narradora para o espaço e para o "favelado", retorna para si e para a sua ação subsequente: "... O luar está maravilhoso. A noite tepida. Por isso o favelado está agitado. Uns tocam sanfona, outros cantam. Já rezaram terço para a filha da Leila. O esquife é branco. Eu vou deitar. O barulho é muito, mas eu vou deitar." (JESUS, 2014, p. 139). Já a segunda parte do excerto revela como há um trabalho na escrita da narrativa, em que as estruturas simples das orações contribuem para dar certa cadência no todo e, por meio da repetição de "eu vou deitar", assemelham-se às quadras que ela registra em outros momentos de seu diário, ou mesmo nos poemas que escreve[5]. Mesmo em um diário, a escritora Carolina demonstra um esforço em tornar o seu texto cada vez mais "literário". Conforme Carlos Vogt[6], uma

[5] Em 1963, Carolina Maria de Jesus publica o livro *Provérbios*, com edição própria.

[6] Esse texto faz parte do livro *Os pobres na Literatura Brasileira*, publicado em 1983, com organização de Roberto Schwarz. O que interessa aqui é a posição de Carolina entre outros/as escritores/as de destaque na cena literária brasileira, tais como: José de Alencar, Castro Alves, Machado de Assis, Euclides da Cunha, João do Rio, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Mário de



das características principais de *Quarto* é a repetição: "Os dias vazios de anotações são preenchidos pela extensão metonímica dos dias plenos, através de um recurso de estilo bastante simples, mas eficiente: o da repetição" (1983, p. 207). Contudo, não apenas a estrutura do texto é constituída pela repetição, mas a forma textual também está baseada na reiteração, contribuindo, com isso, para aumentar a sensação de continuidade, de modo que articula a coerência interna do próprio texto. Uma narrativa linear, cronológica, marcada pelos dias de um diário é, todavia, ressignificada pela forma e pelo trabalho poético que Carolina põe em seu texto.

Um segundo aspecto, de modo geral, que pode ser percebido nos textos carolinianos gira em torno da ficção e da realidade que se misturam entre a personagem e a mulher Carolina de Jesus. Em seus escritos, em grande parte dos casos, ela começa com períodos que destacam as cores do céu (conforme foi demonstrado no excerto anterior), ou com metáforas relativas à sua realidade, como, por exemplo, a favela ser um quarto de despejo. Em sua visão, a cidade seria como uma casa onde cada parte urbana se torna um todo relativamente organizado através da exclusão e das distâncias impostas pelos outros. No dia 15 de maio de 1958, fica explícita essa relação: "... Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos" (JESUS, 2016, p. 32). Por meio desse artifício literário, Carolina consegue estabelecer em seu texto imagens relativas à realidade por onde circula e a sua percepção de mundo torna-se, à medida que avança na escrita, cada vez mais crítica, poética e reveladora das distâncias sociais existentes em seu contexto. Nesse momento,

> Passa-se da impressão na cera ao retrato, metáfora, por sua vez, estendida das artes gráficas para as artes da linguagem [...], capazes de "fazer parecerem verdadeiras" as coisas ditas. Estamos, portanto, no meio da

---

Andrade, Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, João Cabral de Mello Neto, Guimarães Rosa, Oswald de Andrade, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Adoniran Barbosa, Fereira Gullar, Dalton Trevisan, João Antonio, Chico Buarque, Adélia Prado, dentre outros. O que confere (dentre tal lista de autores/as que tematizam a pobreza na literatura brasileira) posição de destaque, de reconhecimento e de prestígio a Carolina.



> técnica, da técnica mimética, não estando separadas imitação e magia [...]. (RICOEUR, 2007, p. 30)

A metáfora do "quarto de despejo" serve aqui como marcação, ou como simulacro, técnica mimética, conforme os próprios termos de Ricoeur, para caracterizar a favela, ou seja, não apenas uma cópia fiel a respeito da imagem "real", mas uma atribuição de sentido dada pela escritora a respeito dessa mesma realidade. Tornando-se, assim, uma chave para compreender o estrondoso sucesso de *Quarto de despejo:* diário de uma favelada.

Logo no título já há a determinação de um gênero – diário – o que se relaciona à "realidade" e que por isso ganha tratamento documental. Tal marcação está presente na maioria dos trabalhos acerca de Carolina de Jesus. As características explicitamente literárias, com isso, são deixadas de lado – o que já impulsiona, no contexto histórico dos anos 1960, um interesse, conforme demonstrado anteriormente, muito grande por parte do campo jornalístico, de certa parte da crítica e por determinados leitores.

Por outro lado, acionando aqui os conceitos de Pierre Bourdieu (1996), o campo jornalístico possui forte influência homóloga dentro do campo literário, e Carolina também sofre essa interferência. O professor, crítico literário e sociólogo, Mário Augusto Medeiros da Silva destaca essa característica. A partir de um dado momento, fica evidente que *Quarto de despejo* foi um texto encomendado por Audálio.

> Se não se pode falar em instrumentalização do discurso – e não é o caso – é possível dizer que, a uma certa altura de seu diário – especificamente, depois do dia 09/05/1958, quando Dantas publica a primeira reportagem, na *Folha da Noite – De Jesus passa a escrever para os seus leitores*. Que ela não sabia ainda quem seriam, mas intuía (ou foi levada a intuir) sobre o que gostariam de saber e ler em alguém com sua origem social, descrita como foi na reportagem de Dantas. Está-se lendo, portanto, um diário escrito *pari passu* a sua recepção, neste momento. (2011, p. 257, grifos do autor).

Dessa forma, o texto ganha direcionamento para um possível leitor ideal, diferentemente de escritos precedentes que estavam em diálogo com um "eu"



interior. No dia 27 de junho de 1958, essa relação com o seu interlocutor externo fica explicitamente determinada:

> ... Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no alcool os meus filhos não irá respeitar-me. *Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguem.* Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no alcool. *Se você achar* que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer:
> - Muito bem, Carolina! (JESUS, 2016, p. 74, grifos meus)

Entre o *ser* e o *fazer*, Carolina de Jesus entra em contato com o seu leitor, mas parte de uma característica intimamente relacionada com o seu "eu" e justifica a sua atitude. Há também uma modelação do seu discurso que passa a construir uma autoimagem – ou autorrepresentação – de si. Em alguma medida, a escritora coloca-se à parte dos outros sujeitos da favela, "em outra posição" por meio de suas ações em relação aos outros. Além disso, a preferência por livros é percebida como aquisição de capital cultural, uma vez que o objeto livro é um bem simbólico amplamente reconhecido e relacionado à intelectualidade.

Nesse espaço, "Carolina de Jesus cria uma terceira margem, um novo lugar, improvável, mas que, ao ser *inventado*, existe. E, ao passar a existir, passa a suscitar cuidado, atenção" (FERNANDEZ, 2019, p. 308). Essa terceira margem criada por Carolina vai contra todas as leis e regras (*nomos*) impostas pelo campo literário ao seu tempo e ao longo da historiografia literária. A recuperação de seus escritos é tomada como referencial pelos agentes literários contemporâneos ao aproximarem suas produções às de Carolina e ao reconhecerem nela uma precursora seja de uma estética própria ou mesmo de uma ética narrativa ao se colocar – e ser posta – em determinada posição nas disputas internas ao campo artístico.

Para Bourdieu (1996), *nomos* é a lei interna de disputa por reconhecimento e autonomia no cerne de cada campo. Uma "lei fundamental" seria em alguma medida semelhante a uma ordem instituída nas estruturas objetivas desse universo socialmente regulado. Do mesmo modo presente nas estruturas mentais daqueles



que estão inseridos nesse meio, tendendo, com isso, a aceitar essa lógica como evidente. Contudo, cada agente estaria autorizado a instaurar o seu próprio *nomos* (BOURDIEU, 1996), de modo que esse abalo estrutural não fica alheio a outras manifestações. Aqui, talvez, surja um dos motivos para o evidente apagamento na historiografia literária de Carolina Maria de Jesus. Ao não ser reconhecida pelo campo literário, a posição que cria lhe é negada e, do mesmo modo, todo um novo sistema literário com uma estética e ética próprias também permanecem apagados. Contudo, a recuperação de seus textos, o destaque que Carolina tem ganhado, são provas da existência de uma outra posição que está em disputa por espaço no campo.

> Assim, quando os defensores da definição mais "pura", mais rigorosa e mais estreita da qualidade de pertencente dizem de um certo número de artistas (etc.) que não são *realmente* artistas, ou que não são artistas *verdadeiros*, recusam-lhes a existência *enquanto* artistas, ou seja, do *ponto de vista* que, enquanto artistas "verdadeiros", querem impor no campo como o ponto de vista legítimo sobre o campo, a lei fundamental do campo, o princípio de visão e de divisão (*nomos*) que define o campo artístico (etc.) *enquanto tal*, isto é, como lugar da arte enquanto arte. (BOURDIEU, 1996, p. 253, grifos do autor).

Mesmo com as constantes imposições de aprisionamento da *persona* escritora feitas pelo campo literário (e pelo campo jornalístico), Carolina conseguiu transcender determinadas posições para atingir hoje lugar de prestígio e de destaque no jogo de disputas desse sistema simbólico.

> Não se pode perder de vista que Carolina de Jesus é uma voz dissonante – e como tal, incômoda – em meio ao vozerio aturdido de tantos *outros* que querem dizer ou gritar suas dores, suas verdades particulares ou seus "modos novos" de dizer as mesmas coisas. Daí vem a constante filiação de sua imagem a diversos grupos que a tomaram como inspiração, como o movimento contemporâneo da "Literatura marginal periférica". (FERNANDEZ, 2019, p. 306, grifo da autora).

A rasura que Carolina faz no campo permanece aberta para que outros possam ingressar e criar diferentes posições que se legitimam conforme o tempo.

> Na contramão da crítica, a potência da escrita literária de Carolina de Jesus coaduna-se com a de outros que vieram depois dela (Allan da Rosa, Dinha, Michel Yakini, Cidinha, Conceição Evaristo, Ferréz e tantos outros):



> capacidade de se humanizar, de humanizar as pessoas e de sair do lugar de quem se destrói em meio à miséria ou vive uma rotina sem arte. Isso porque sua literatura, na qualidade de criação, expande seu território em desterritórios, curvas e inflexões estranhas, extravagâncias licenciosas, permissíveis e descomedidas, "contrariando as estatísticas" (CANDIDO, 1995). Está sempre inventando um novo lugar para além daqueles supostos e determinados em que insistem em aprisioná-la. (FERNANDEZ, 2019, p. 262).

As marcas no discurso caroliniano são representativas da posição que a escritora ocupa enquanto pertencente ao espaço da favela, mas se afastando quando as ações de seus companheiros não correspondem ao que julga correto. O seu discurso, enquanto "sistema que estrutura determinado imaginário social" (RIBEIRO, 2017, p. 56), a partir de uma lógica de poder e de controle, assemelha-se por vezes àquele produzido pelos jornais – como o que afirma que a favela é o espaço da marginalidade –, mas também quando se distancia deste ao mencionar as dificuldades que o grupo social da margem enfrenta nos processos de subalternização e de marginalização impostos pela sociedade.

Ao narrar a sua vida "de dentro" da favela, tanto a biografia de Carolina, quanto a desse espaço praticamente se confundem. Ambas as histórias – inclusive a favela enquanto local transformado em personagem – sofrem os mesmos processos de exclusão de um centro do espaço urbano.

> A ida de De Jesus para a favela do Canindé é resultante de dois fatores: não aceitação nos empregos domésticos, em função dos nascimentos de seus filhos que vingaram (João, 1949; José, 1950; Vera, 1953), o que redunda em dificuldades severas para subsistência; e, por outro lado, a privação de direito à moradia, que atinge estruturalmente a população pobre paulistana no momento em foco. De Jesus é uma das primeiras moradoras da favela erigida às margens do Tietê e ali viveria a próxima década inteira. (SILVA, M., 2011, p. 243).

Os dois fatores ficam explicitados ao longo do conto biográfico, "Favela". Publicado no livro *Onde estas Felicidade?*, em 2014, organizado por Dinha e Raffaella Fernandez, o texto é a narração da história da Carolina Maria de Jesus antes do *Quarto de despejo*, (entre 1943 e 1953): os momentos de sua vida logo que chega em São Paulo, a ida para a favela do Canindé, o nascimento de seus filhos, os amores que teve, o desejo de ser poetisa, os contatos que estabelece com



jornalistas, donos de livrarias e editores. Também conta a história de quando se torna professora de dois jovens favelados, além de narrar todas as ações que trava para publicar seus textos e as dificuldades em arranjar dinheiro na cidade. Autobiográfico, dentro do fluxo de consciência da narradora, o texto não é linear, a memória vai e vem retomando lembranças que se articulam com a sua vida na favela. No conto também há a presença das primeiras reportagens veiculadas sobre ela, bem como do poema "O defensor", escrito em homenagem a Getúlio Vargas. Porém, ao retratar nessa narrativa o espaço da favela, ao impor ao campo um novo modo de narrar, com aproximação de vivência com escrita – nos termos de Conceição Evaristo, uma "escrevivência" (2005) –, Carolina de Jesus estabelece um novo fazer literário, uma nova lei que continuará reverberando ao longo da historiografia literária.

Dessa implosão, ou rasura (das regras internas do sistema literário) surgem outros escritores que continuarão falando a partir de uma perspectiva diferente, mas semelhante à de Carolina, das margens e que não se contentam com certas posições impostas a esses sujeitos. A reflexão sobre esses novos pontos de vista, pode ser percebida através do princípio de anomia que Bourdieu desenvolve, no qual "[...] cada criador está autorizado a instaurar seu próprio *nomos* em uma obra que traz consigo o princípio (sem antecedente) de sua própria percepção" (1996, p. 86). Carolina, desse modo, cria seu próprio *nomos* literário. Através do seu fazer artístico, a escritora se posiciona contra todas as leis fundamentais impostas pelo campo literário, conseguindo, com isso, rasurar, de algum modo, um sistema excludente, que se usa de elementos estereotipados para construir uma imagem da autora e colocá-la dentro dela – um lugar, contudo que ela nunca desejou ocupar. Essa figura foi construída a partir de um condicionamento imposto à autora. Ela deveria, com isso, ocupar um local restrito dentro do sistema literário como "voz da favela" – manifestação tratada por jornalistas e mesmo por parte dos críticos, via estereótipos construídos sobre a figura do favelado e explorados amplamente no e



pelo campo jornalístico em que surge[7] – e não, conforme seu desejo, enquanto escritora com um projeto literário e estético.

Carolina de Jesus, nos termos bourdianos, seria como uma profana que surge do exterior do campo literário e que desafia as leis sagradas internas a esse espaço simbólico. Contudo, após a publicação de *Quarto de despejo* e seu sucesso repentino, há um movimento de apagamento da sua obra. Uma grande parcela dos leitores fica condicionada à leitura do diário de 1960 e desconhece as outras produções da escritora que são igualmente representativas da realidade na qual Carolina viveu. Como já mencionado, *Quarto de despejo*, com seus cortes e silenciamentos, não dá conta de apresentar a qualidade estética percebida em outros textos.

Considerações finais: um campo rasurado

Sem dúvida, Carolina contribuiu para o surgimento de outros escritores que se identificaram com esse novo princípio de fazer ficção. O escritor Sacolinha, da periferia de Suzano, São Paulo, quando questionado sobre suas referências literárias, responde:

> Eu nem digo escritor, aliás eu não digo nem livro, eu digo escritores. Tem dois escritores que me inspiraram e me inspiram todos os dias. A primeira é uma mulher que fez com que eu me transformasse em escritor, logo depois que eu li o livro dela, que antes eu escrevia para desabafar, e quando eu li o livro dela, eu comecei a escrever de uma forma mais séria. Eu tô falando de Carolina Maria de Jesus que eu conheci em 2002, aliás 2003, que eu comecei a ler em 2002, mas foi em 2003 que eu conheci o livro Diário de uma favelada, o *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da Carolina Maria de Jesus. Depois disso eu fui lendo outros livros dela como *Diário de Bitita*, entre outros, e falei "eu quero ser igual a Carolina Maria de Jesus! Eu quero escrever sobre a minha favela, sobre o meu povo, sobre o meu dia a dia!". E o que me surpreende em Carolina Maria de Jesus é que ela nunca deixa de dizer o que ela tem para nos dizer. (SACOLINHA, 2019, p. 43-44).

[7] Mário Augusto Medeiros da Silva corrobora nesse argumento: "As marcas sociais de De Jesus, seus *estigmas*, foram explorados pelo sistema literário (no âmbito da distribuição e recepção), de forma inédita na história literária brasileira: a negra, a favelada, a mulher de vida errante, a semianalfabeta, a mãe solteira, a vítima social, enfim, a autora de *Quarto de Despejo* foi vista assim e *ofertada* ao povo, consumida nas mais diferentes esferas" (2011, p. 276).



O testemunho do escritor, em 2019, sobre a importância de Carolina de Jesus, torna-se indicativo da capacidade de abrir outros caminhos que a escritora, mesmo sendo apagada da historiografia literária, é capaz de gerar em um campo artístico. Ou mesmo de torná-la princípio de uma tradição:

> Pode-se afirmar, porém, que Carolina Maria de Jesus, produzindo a partir de uma capacidade adquirida por um processo autodidático, cria uma tradição literária em que sujeitos da escrita, tendo ou não certificados escolares, mas sempre letrados, fazem da leitura e da escrita práticas sociais que lhes possibilitam se colocar na sociedade em que vivem e inclusive criticá-la. (EVARISTO; JESUS, 2021, p. 13).

Conforme Sacolinha, a escritora é inspiração para a produção de uma nova estética voltada para a possibilidade de representar a realidade na qual o escritor está inserido. Desse modo, por meio da leitura e da identificação entre leitor, obra e escritora, há o trabalho de apropriação em que o consumidor contribui para produzir o produto que ele consome: “ao proceder a uma escolha segundo seus gostos, o indivíduo opera a *identificação* de bens objetivamente adequados à sua posição e ajustados entre si por estarem situados em posição sumariamente equivalentes a seus respectivos espaços” (BOURDIEU, 2007, p. 217, grifo do autor).

A lógica do campo literário não é a mesma que opera em outros campos, como o econômico ou o político, mas se aproxima das posições delimitadas dentro do campo social. Nem sempre um fracasso representa uma derrota, a perda em determinada disputa, em um ponto da história, pode vir a ser um ganho de prestígio em um outro momento do tempo do campo literário.

> Além de estarem marcados por sua vinculação ao campo literário do qual permitem apreender os efeitos e, ao mesmo tempo, os limites, os autores condenados por seus fracassos ou seus sucessos de má qualidade e pura e simplesmente destinados a ser apagados da história da literatura modificam o funcionamento do campo por sua própria existência e pelas reações que aí suscitam. (BOURDIEU, 1996, p. 88).

Por essa razão, apesar de Carolina não ter recebido o devido destaque pela crítica literária e pelos detentores das posições dominantes, a autora representa, desse modo, uma revolução e uma nova forma de construção do campo literário.



Conforme o excerto acima, é justamente esse apagamento da história da literatura e da negação de sua existência no jogo literário que contribui para que haja reações (dentro do campo social e em outros espaços simbólicos) procurando rever (para reverter) o papel que ela teve e tem nas disputas internas e externas ao campo. Prova disso é o anúncio da Companhia das Letras – talvez hoje uma das maiores casas de editoração no Brasil, com reconhecimento e amplo prestígio acumulados – que publicará a obra completa de Carolina Maria de Jesus. Conforme o blog da editora,

> Esta iniciativa é um desejo de *restituir a voz autêntica* dessa *grande escritora*, trazendo ao público seu projeto literário por *completo*. É ainda um *esforço de reparar a rejeição e estigmatização* que Carolina por décadas sofreu dos círculos literários, fruto de um racismo estrutural que lhe negava a presença nesses espaços.[8] (grifos meus)

Os termos em destaque no trecho acima são índices de legitimação a que a Companhia das Letras se propõe ao anunciar a publicação da obra caroliniana. “E, de fato, a consagração cultural submente os objetos, pessoas e situações que ela toca a uma espécie de promoção ontológica que se assemelha a uma transubstanciação” (BOURDIEU, 2007a, p. 14). A editora se propõe a entrar no jogo para manter sua posição de dominação no seio do campo literário – uma vez que deve ter percebido as mudanças que o sistema tem sofrido nos últimos anos (mudanças seja de quem consome literatura, de quem produz e de quem edita).

Até o momento foram publicadas três obras desse projeto: *Casa de alvenaria, volume 1:* Osasco, de 30 de agosto a 20 de dezembro de 1960; *Casa de alvenaria, volume 2:* Santana, de 24 de dezembro de 1960 a 18 de dezembro de 1963; e o romance inédito *O escravo*, escrito na década de 1950. Sobre esse projeto:

> Nossa proposta foi deixar a literatura, a escrita de Carolina *poder ser*, sem as tantas interferências que aconteceram nas publicações passadas e

[8] Ainda sobre a edição da obra: “será supervisionada por um conselho editorial composto por Vera Eunice de Jesus, filha de Carolina, pela escritora Conceição Evaristo e pelas pesquisadoras Amanda Crispim, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda e Raffaella Fernandez”. Disponível em: https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Carolina-Maria-de-Jesus-na-Companhia-das-Letras. Acesso em: 31 ago. 2020.



> mesmo em algumas mais recentes. Pensamos uma reedição que permitisse ao público leitor acompanhar o processo criativo da escritora e entender como se deu, para ela, a apropriação e o uso da linguagem literária. A publicação de *Casa de alvenaria* na íntegra, sem outra intromissão a não ser a do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – sem o qual o livro teria circulação restrita –, foi uma defesa ferrenha do Conselho Editorial, argumentação a que a editora ouviu e aceitou. (EVARISTO; JESUS, 2021, p. 14, grifos das autoras).

De todo modo, a casa editorial, enquanto detentora de posição relativa dominante do campo literário, sofre as modificações e propõe, por meio de suas ações, novas conjunturas possíveis no espaço simbólico de produção artística.

Por outro lado, a Companhia das Letras, dessa maneira, também acompanha as mudanças que se tornam, nesse sentido, homólogas ao campo acadêmico. Em uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES[9], a busca na área de Linguística, Letras e Artes para "Carolina Maria de Jesus" resultou em um total de 67 trabalhos sobre ela. Em 1993, há o primeiro registro de trabalho sobre a escritora, uma dissertação de mestrado. O último ano disponível para consulta, 2019, é o que possui o maior número de pesquisas: ao todo, são doze[10]. Provavelmente, após as novas publicações dos livros de Carolina pela Companhia das Letras, esse número cresça ainda mais. Acrescente-se a isso que em 25 de fevereiro de 2021, Carolina Maria de Jesus recebeu o título Doutora Honoris Causa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)[11]. O título marca o reconhecimento do campo acadêmico e estende a legitimidade da escritora para o campo literário. De todo modo, a ação reconhece a importância de Carolina e um possível ponto de mudança, de rasura, nas regras da arte.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **A distinção***:* crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. 1. ed. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

[9] Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/. Acesso em: 31 ago. 2020.
[10] Esse alto índice em 2019 pode ser justificado quando lembramos que no ano de 2014 comemorou-se o centenário da escritora.
[11] Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/02/25/escritora-carolina-maria-de-jesus-ganha-titulo-de-doutora-honoris-causa-da-ufrj.ghtml. Acesso em: 30 abril 2024.



BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte. Génese e estrutura do campo literário.** Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In:* MOREIRA, Nadilza Martis de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo** – Etnia, Marginalidade e Diáspora. João Pessoa: UFPB, Ideia/Editora Universitária, 2005.

EVARISTO, Conceição; JESUS, Vera Eunice. Outras letras: Tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus. *In:* JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria, volume 1:** Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 7-23.

FERNANDEZ, Raffaella. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus**. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes Felicidade?** Dinha; FERNANDEZ, Raffaella (org.). São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo***:* diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2016.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra***:* a saga de Carolina Maria de Jesus. 2. ed. Sacramento/MG: Editora Bertolucci, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **O que é:** lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SACOLINHA. Entre becos e vielas: uma entrevista com o Escritor Sacolinha. [Entrevista concedida a] André Natã Mello Botton. *In:* FAY, Claudia Musa; MENDES, Isa (org.). **Trajetórias de vida e estudos autobiográficos***:* experiências com História Oral. Porto Alegre/RS: Editora Fi, 2019. p. 33-54.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito***:* Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000). 2011. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2011.

TENNINA, Lucía. **Cuidado com os poetas!** Literatura e periferia na cidade de São Paulo. Trad. Ary Pimentel. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.



VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. (O *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus). *In:* SCHWARCZ, Roberto (org.). **Os pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. p. 204-213.

André Natã Mello Botton
Doutor em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul com Doutorado Sanduíche na Vanderbilt University (Nashville/EUA), pelo PRINT - PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO da CAPES. Possui graduação em Filosofia pelo Instituto Maria Mater Ecclesiae (2012), graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Feevale (2016), com bolsa do ProUni, e mestrado em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2019). Atualmente é bolsista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, literatura brasileira, alteridade, violência e favela.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2136-7544
E-mail: andre.botton@edu.pucrs.br

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 30 de abril de 2024
Aceito em 21 de maio de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/